

CMUT0009377

MONTEIRO, Edimarco A. Vandalismo e abandono inutilizam relógio de sol: Falta de ponteiro para projeção de sombra faz com que instrumento inaugurado há 30 anos deixe de marcar as horas e se perca no tempo. Correio Popular, Campinas, 5 ago. 1993.

EDIMARCIO A. MONTEIRO

O seu movimento já marcou a passagem da história contemporânea de Campinas; foi um marco que virou cartão-postal da cidade, mas hoje é apenas um pedaço de cimento e ferro esquecido que está sem utilidade devido à ação de vândalos. É nessa situação em que se encontra o relógio de sol instalado no Parque Portugal (Lagoa do Taquaral), um dos maiores da América do Sul, que está sem o ponteiro que possibilitaria que a projeção de sua sombra sobre o painel marcasse as horas. A falta de um simples ponto de referência faz com que, para esse instrumento milenar, o avanço do tempo deixe de existir, o movimento da vida fique congelado.

Na sexta-feira, o autor do projeto e dos cálculos para a construção do relógio, o engenheiro civil e elétrico Renato de Almeida Prado Costallat, fez uma visita à sua obra e criticou as condições em que o relógio está. Para ele, é fruto do descaso e desinteresse da Prefeitura em sua preservação. O tratamento que é dado hoje, lembra, demonstrando tristeza e saudosismo no olhar, é bem diferente da inauguração, em 1º de junho de 1963. Projetado inicialmente para ser instalado no Instituto Penido Burnier, o relógio de Sol acabou sendo doado à Prefeitura e inaugurado há 30 anos com toda a pompa pelo prefeito Miguel Vicente Cury. Ele ficou na praça que levava o nome desse prefeito até 1984, quando a área de lazer cedeu lugar para a construção do terminal de ônibus.

O relógio foi então transferido para a entrada da Lagoa do Taquaral, situada próximo ao Ginásio de Esportes,

onde está até hoje. Desde que começou a marcar o tempo, o instrumento sofreu outras depredações, mas sempre foi recuperado, observa Renato Costallat. Mas, agora, o ponteiro foi arrancado e o relógio perdeu a sua magia que encanta as pessoas por ser resultado da união perfeita da arte, da cultura e da ciência. "O meu interesse é apenas garantir o patrimônio da cidade, porque não existe nenhum relógio igual a esse no mundo", protesta o engenheiro. Com cabelos grisalhos aos 75 anos, ele considera sua missão lutar pela preservação desse marco.

E não é um Dom Quixote nessa proposta. A visita ao relógio de sol foi motivada pela carta de Luiz Roberto Guimarães da Costa Júnior, publicada na Coluna do Leitor, do Correio Popular, no último dia 5, reclamando do abandono. Renato Costallat não sabe precisar quando o ponteiro foi tirado, mas afirma que isso aconteceu "há alguns anos. Desde 1958, ele projetou seis relógios de sol, e o da Lagoa do Taquaral levou um ano e meio para que os cálculos ficassem prontos. As duas dimensões são exatamente proporcionais às da pirâmide de Queops, no Egito, e sua precisão ao registrar as horas somente não é perfeita porque não está no local para onde foi projetado. Isso causa uma diferença em torno de 4 minutos.



O engenheiro Renato de Almeida Prado Costallat examina o relógio de sol: críticas ao abandono de sua obra